



O nosso Einstein



fernando uchoa

Mário Schemberg

O amigo de Einstein é um homem simples. Quando chegamos em sua casa, nos recebeu sorrindo. Entramos em uma sala, repleta de quadros e outros objetos de arte. Em um canto, uma seda chinesa.

Ali adiante, oratórios brasileiros. No pé da escada de entrada, uma escultura moderna, perfilada na posição de sentido.

Depois que me acomodei em uma enorme almofada, Mário Schemberg puxou uma cadeira da sala de jantar, que qualquer um acharia desconfortável para quase duas horas de conversa. O professor Ricardo Ferreira e Antonio Carlos Pavão, ambos cientistas, conversavam com Schemberg, coisas da vida de um físico.

Olhei para Fernando, o fotógrafo, e dei a entender que tinha receio de só ouvir falar em neutrinos, ondas gravitacionais, elétrons, energia nuclear.

Foi quase assim. Mas depois de um cafezinho, falamos muito de educação, de arte, de literatura, e de Einstein, que em março estaria completando seu 100.º aniversário. Tentei intervir na conversa, para que aos olhos do leitor ela ficasse mais "objetiva". Mas não consegui..

Acabei desistindo, deixando a fita correr, intervindo pouco. O resultado é esse que publicamos nesta edição: a árvore do conhecimento de Mário Schemberg.

Por Elisabeth Marie

AMÉRICA LATINA E A SITUAÇÃO INTERNACIONAL



como no comércio internacional. Neste sentido atuam tanto os capitalistas nacionais como as companhias imperialistas. Relacionado intimamente com o dito antes, o Estado, nos países capitalistas dependentes e semicoloniais, apresenta uma tendência à concentração de poderes no executivo e de fortalecimento do aparato burocrático militar. Esta tendência está mais relacionada com a luta de classes e, portanto, se entrelaça com as tendências gerais do regime, e com o chamado "bonapartismo sui-generis". O "bonapartismo sui-generis", implica em uma característica do Estado que resulta de relações estruturais entre as classes. A relativa debilidade da burguesia local, nos diversos países semicoloniais e dependentes, em relação a um proletariado que cresceu de forma mais proporcional que ela, devido ao peso dos investimentos estrangeiros, faz com que o fortalecimento do aparato burocrático militar seja de grande importância, como instrumento que possibilita às classes dominantes o exercício do poder apoiando-se no imperialismo, para conter as mobilizações. Ou noutras circunstâncias, permitem que se apoiem na mobilização para negociar com o imperialismo.

Esse conjunto de características, colocadas hoje, numa época de revolução social em escala internacional estão presentes em todos os estados capitalistas

dependentes, independente da forma que assumem — democráticas, bonapartistas ou semifascistas — e repercutem em maior ou menor grau de acordo com a situação da luta de classes.

O crescimento do intervencionismo estatal, da concentração de poderes no executivo, e a tendência particular de fortalecimento do aparato burocrático militar, é o que pode ser chamado de tendência a um "Estado Forte". Tal categoria causa grandes confusões quando aplicadas à análise do regime político, pois deixa de lado o desenvolvimento da luta de classes, de modo que pode ser útil somente quando se refere claramente a propriedades gerais do Estado nos países dependentes e semicoloniais. Se recorrermos somente a esta tendência, característica do Estado, não podemos nos dar conta do que está ocorrendo atualmente na América Latina, com o debilitamento das ditaduras.

A nova situação da luta de classes na América Latina mostra que hoje se combinam situações de crise aberta de regimes ditatoriais, como na Bolívia, Peru ou Nicarágua, com situações de crise latente, onde os governantes puderam controlar a crescente mobilização, mas se vêem obrigados a desmontar o bonapartismo, como ocorre no Brasil e Panamá. Em um outro nível, situam-se as ditaduras do Chile, Argentina e Uruguai, que apenas começam a ceder em re-

lação à utilização do terror, e ainda mantêm uma certa capacidade de manobra.

De um outro ponto de vista, este quadro geral permite constatar que a contra-ofensiva reacionária iniciada em 73 já chegou a seus limites, e que agora a iniciativa cabe às massas. Durante esta nova fase, seguramente aparecerão novas combinações. Por exemplo, existe a possibilidade de que na Nicarágua, a crise desemboque em um processo eleitoral. No Peru, a eleição da Assembléia Constituinte e a expectativa das eleições presidenciais permitiram que Bermudez congelasse por um momento a mobilização antiditatorial. Entretanto, em outros países, a situação pode se agudizar, ou pode reiniciar uma nova onda de ascenso, onde o ano de 78 seria um marco inicial.

A chave do desenvolvimento político nos próximos anos está na direção que consiga se impor como tal na mobilização de massas. Dela depende que possa se levar até o fim, sem alterações bruscas, os chamados planos de abertura e redemocratização, que estão sendo negociados entre militares e burgueses, ou que possam ser eficientes as medidas de reinstitucionalização colocadas em ação por alguns governos, como os do México e Colômbia. E, da direção que consiga conduzir o proletariado em seu novo ascenso, depende que se configurem alternativas realmente revolucionárias.

A conversa começou sobre o óbvio. Schemberg já havia dito que falara tudo sobre isso a um jornal. Mas mesmo assim, Ricardo Ferreira, com seu sotaque nordestino, articulando as palavras com uma rapidez incrível, quis saber alguma coisa sobre o Acordo Nuclear. Antônio Carlos Pavão completava a pergunta, e Schemberg parecia adivinhar tudo, pois nem deixava que terminassem a interrogação para começar a responder, sossegadamente.

"Esse acordo foi algo completamente desastroso. Acho que fui o primeiro que tomou uma posição pública, em um seminário no RJ. Posso ter parecido muito violento, na época; mas mais tarde ficou demonstrado que eu tinha razão. O acordo nuclear foi um dos maiores erros econômicos do Brasil. Atualmente, todos os jornais dizem isso. O aspecto mais prejudicial, foi que desviaram muita verba para esse negócio de energia nuclear, ao invés de empatar em energia hidroelétrica.

Tudo partiu de uma ilusão, que a energia nuclear custaria muito menos que a hidroelétrica. Pelo jeito, hoje já está custando o dobro. Engraçado, os reatores vão ser instalados até 1990, até lá ... É um fracasso econômico total. O governo está em uma posição ...

E sobre a posição dos EUA, que sempre foi o parceiro maior do Brasil no que diz respeito aos investimentos estrangeiros, a verdade é que os americanos criaram realmente muitos obstáculos a esse acordo, principalmente as usinas de reprocessamento. Um dos grandes inconvenientes dessa tecnologia atual é permitir o desvio de plutônio, ou para a construção de bombas atômicas, ou até mesmo para finalidades criminosas. Esse desvio é mais baixo em uma usina de reprocessamento. Aliás, existe muita suspeita de que esse desvio já esteja sendo feito, parece que para Israel, não se sabe muito bem. E pode ter sido feito até numa escala maior para a África do Sul e outros lugares.

A rigor, você poderia obter plutônio dos depósitos de lixo atômico. O problema do plutônio é um dos pontos fundamentais da política de Carter. Tanto os EUA como a URSS não gostaram muito do acordo nuclear porque desconfiam que a Alemanha pode fazer aqui uma série de pesquisas que não são permitidas pelo tratado de paz. O fato dos EUA serem os monopolizadores das armas atômicas no mundo capitalista lhes dá uma posição de hegemonia. Eles não devem querer que a Alemanha produza plutônio, porque enfraqueceria o seu controle sobre esse país, quer dizer, sobre toda a Europa. Por outro lado, a URSS não tem interesse nenhum de que a Alemanha produza armas atômicas. Esse é um aspecto mais militar do acordo mas que é importante. Por causa disso, pelo menos, é que os EUA queriam impedir a construção de usinas de reprocessamento aqui no Brasil.

Um empregado apareceu e disse que Schemberg era chamado ao telefone. Nosso entrevistado voltou logo depois, e foi falando sobre os problemas que um cientista enfrenta no Brasil. Sobre a situação da pesquisa científica brasileira. Todo mundo riu, admitindo a verdade que encerrava a frase que Schemberg emitiu: "A Universidade brasileira é um erro completo; tão grande quanto o acordo nuclear".

Mário Schemberg — A Universidade não é nem empresarial, ela é burocrática, e obriga o jovem a ficar até os 30 anos fazendo cursos ou exercícios e outras coisas assim. A pessoa perde os anos de maior energia, maior criatividade adquirindo conhecimentos que talvez nem sejam necessários. A maneira certa de fazer um cientista, é pegá-lo desde o começo do curso e pô-lo para pesquisar. O interessante é encaminhar o jovem mais rapidamente possível para a pesquisa científica. E ele pode ser encaminhado desde antes dos 21 anos. Lembro que o primeiro trabalho que fiz, em Mecânica Quântica, foi em 1935, aos 19 anos.

A Universidade massacra a inteligência, é um sistema altamente elitista e prejudicial para as pessoas, porque as obriga a ficar na universidade quase uma década a mais do que deveriam. As maiores descobertas científicas foram feitas por pessoas na faixa dos 19, e no Brasil isso significa que essas pessoas estariam ou no final do secundário, ou na universidade, fazendo exercícios. É nesta fase que, organicamente, é maior a capacidade de trabalho, porque entram na pesquisa sem estarem demasiadamente sobrecarregadas das idéias antigas. Estão mais virgens, sem se deixarem envolver demais pelos valores já existentes. Depois de um certo tempo, de certa idade, o sujeito raramente muda de idéia. Em tudo acontece isso, em política, em cultura, em tudo.

Ricardo Ferreira — Mas você não acha que é preciso comandar uma série de técnicas, e que sem essas técnicas as suas idéias não evoluem?

Mário Schemberg — A melhor forma de você desenvolver uma técnica, é praticando-a, aplicando-a. Trabalhando desde o começo com elas, e não fazendo exercício para depois aprendê-las.

Esse negócio de só ficar estudando é uma profunda burrice. Acumular conhecimentos demais não é conveniente, você abafa suas idéias sob o peso das idéias dos outros. O Newton, por exemplo, desde muito jovem já tinha a essência do que ele desenvolveu durante toda sua vida; e o Einstein aos 15 anos já estava no caminho do desenvolvimento da teoria da relatividade.

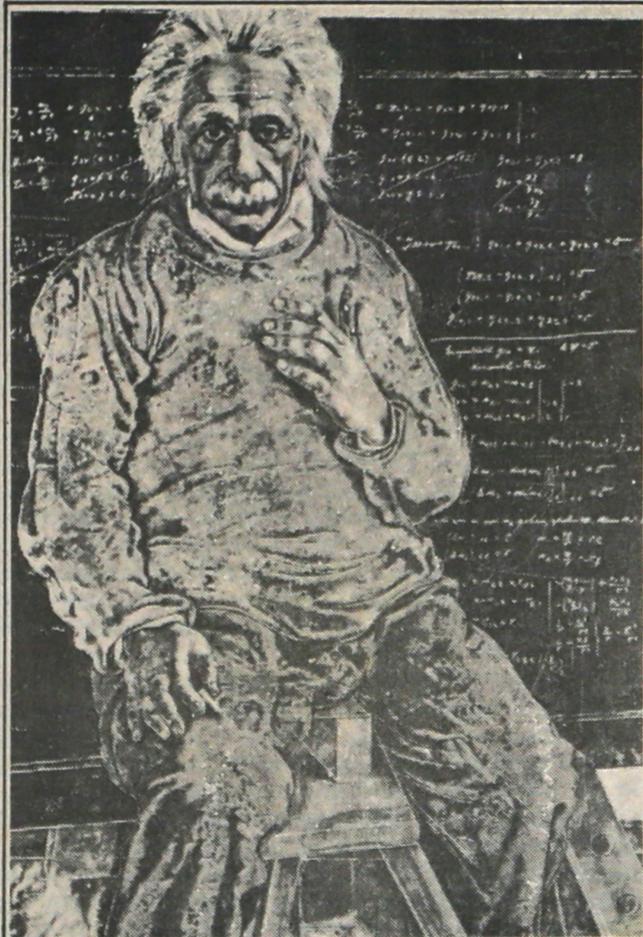
Ricardo Ferreira — Você, que foi afastado da Universidade por motivos políticos, vê atualmente alguma perspectiva de mudança?

Mário Schemberg — Eu acho que há condições para haver essas mudanças, porque levaram as coisas às raias do absurdo, e essas condições não podem ser mantidas. Atualmente a Universidade é uma instituição em decadência, porque ela não se adapta mais às necessidades do mundo contemporâneo. A Universidade se transformou num grande problema político. Os cursos de pós-graduação estão sendo transformados em subsídios ao desemprego. Na minha opinião, a universidade deve ser educacional e não profissional, retomando a tradição da universidade do início do século XIX e adaptando-se a uma estrutura democrática. No Brasil, a universidade não forma nem o que as indústrias estão precisando, nem o que seria necessário para o desenvolvimento de nossa própria tecnologia. Ela está formando um tipo de pessoa que só serve para virar um frustrado, é um negócio completamente surrealista, uma alienação total da realidade.

Dentro das chamadas Ciências Humanas, acho que a situação é ainda pior, porque é mais artificial. Para se ter uma idéia, o próprio Lévi Strauss dizia em 1968 que o estruturalismo havia morrido, mas no Brasil ele nasce exatamente nesta época, isto é, ele já nasceu morto.

Nem no Estado Novo a repressão na Universidade foi tão grande como de 64 para cá. Naquela época havia cursos sobre marxismo na USP. Na verdade, era uma coisa meio anêmica. As mocinhas assistiam às aulas, anotavam no caderno que Lênin era o maior filósofo do século XX, e ficava por isso mesmo ... As coisas não se tocavam, elas não tinham nenhuma vivência que as tornasse vulneráveis àqueles ensinamentos. Mas no geral, é assim mesmo. A burguesia foi e é liberal sempre que não se sente ameaçada, mas quando sente a menor ameaça, aí a coisa muda de conversa...

A repressão no Estado Novo foi muito violenta. Em alguns setores a censura foi terrível. Mas dentro da universidade o estudante não vivia apavorado, não havia o 477. Não havia a opressão de 64. Provavelmente porque até 68 a Universidade foi uma área de grande agitação. A faculdade de Direito no Estado Novo foi o baluarte do antigetulismo, no estilo da UDN. Não havia nenhuma forte tendência marxista.



fernando uchoa

Esse Acordo Nuclear foi algo completamente desastroso.

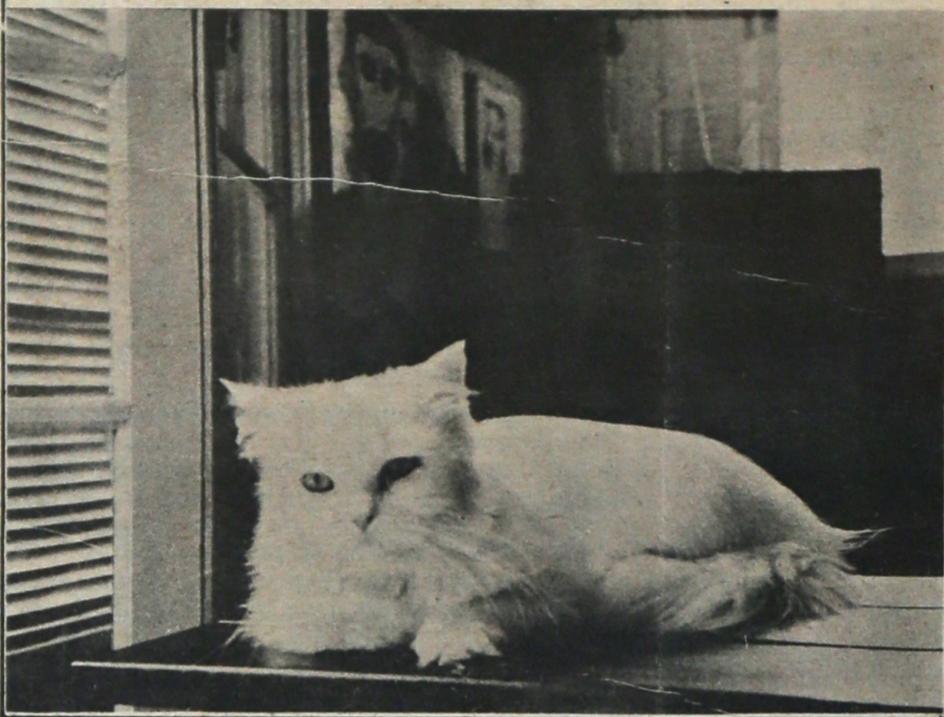
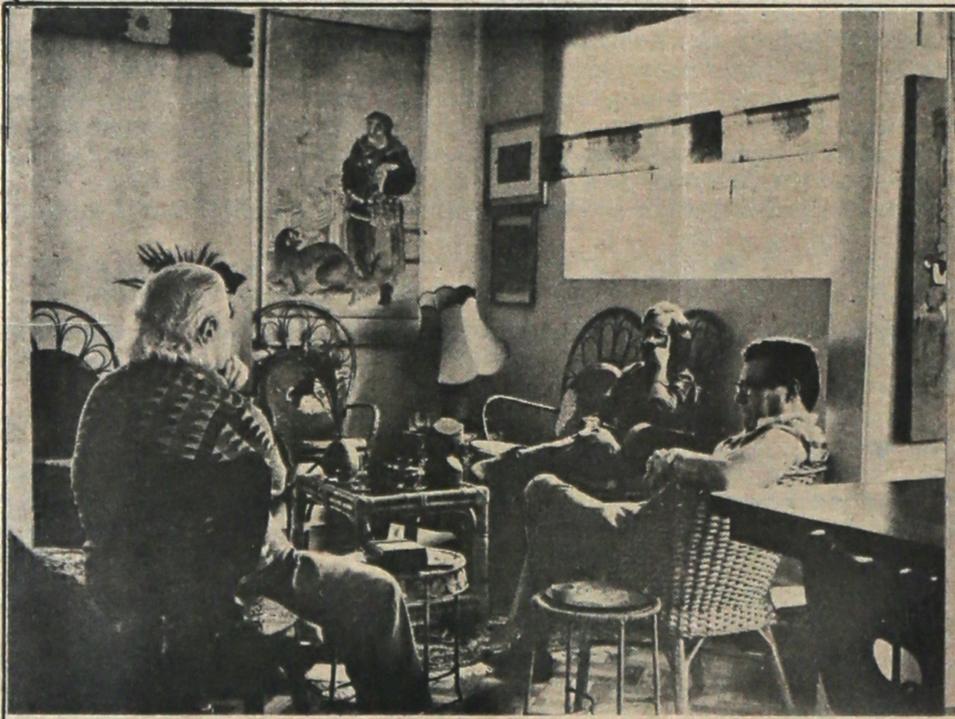
Tudo partiu de uma ilusão que eles tinham, que a energia nuclear custaria muito menos que a hidroelétrica.

Essa tecnologia atual pode permitir o desvio de plutônio, ou para a construção de bombas atômicas ou até mesmo para finalidades criminosas.

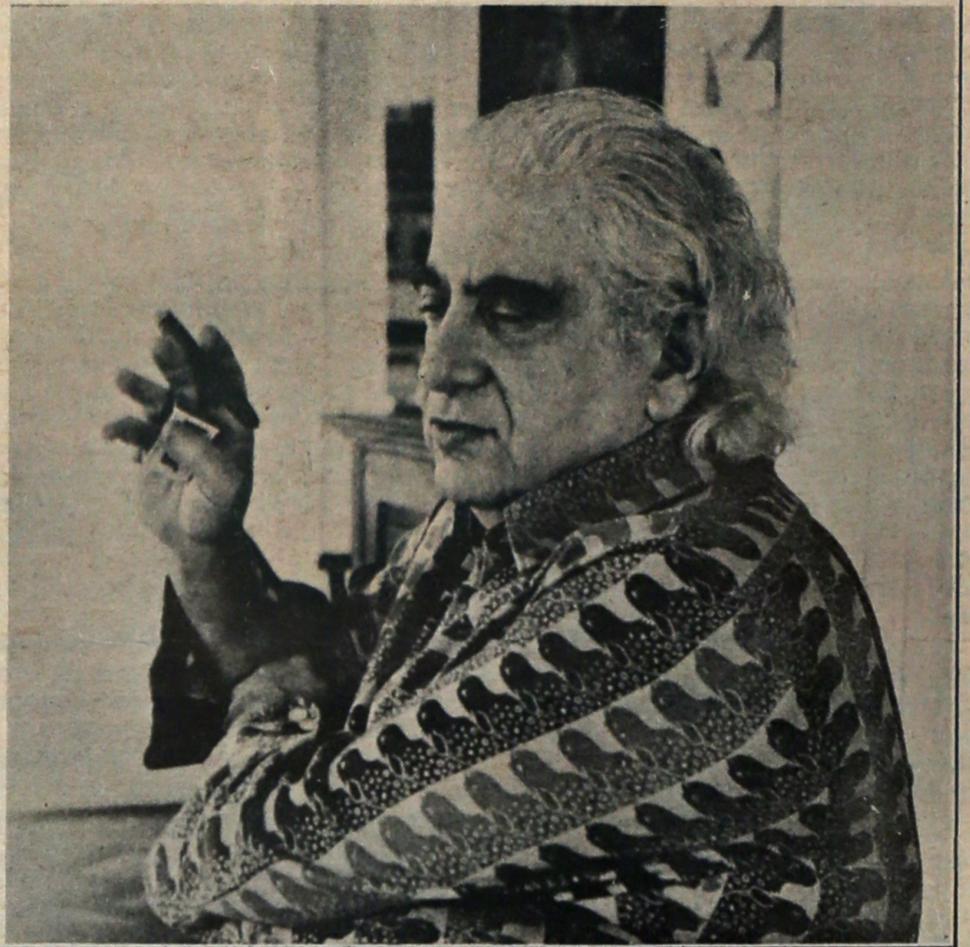
A Universidade massacra a inteligência, é um sistema altamente elitista e prejudicial para as pessoas.

Esse negócio de ficar só estudando é uma profunda burrice.

Acumular conhecimentos demais não é conveniente; você abafa suas idéias sob o peso das idéias dos outros.



fernando uchosa



A Universidade é uma instituição em decadência, porque ela não se adapta mais às necessidades do mundo contemporâneo.

A Universidade brasileira é um erro completo; tão grande quanto o Acordo Nuclear.

A maneira certa de fazer um cientista, é pegá-lo desde o começo do curso e pô-lo para pesquisar.

A gata angorá deslizou pelo tapete. Mansamente se roçou na barra da calça de Schemberg. Ele lhe fez um cafuné no pescoço e disse: "O que foi, minha gatinha?". Depois a gata passou os olhos em todos os presentes e seguiu seu caminho. Sem pensar, todos fizemos uma pausa. Aí a conversa continuou.

Ricardo Ferreira: Eu ainda me lembro que o Darci Ribeiro conta que o Anísio Teixeira chegou para ele e disse: "você vai ser bem-sucedido como reitor da Universidade de Brasília, porque você é um ignorante em educação". E Darci conta que o Anísio conhecia detalhadamente o sistema educacional brasileiro, e isso o tornava indeciso, ele era mais um erudito.

Mário Schemberg: Aliás, o Anísio fez muito mal à educação brasileira, não porque ele foi um erudito, mas porque ele estava muito influenciado pela escola de Dewey. E Anísio é um dos pais da Universidade profissional, que é outra coisa que eu acho errado — a Universidade profissionalista. Evidentemente, que ele era um homem inteligente.

Tem uma história que ilustra bem isso. O Gilberto Freire, em um depoimento que deu ao "O Estado de São Paulo", conta que ele chegou na Colômbia, já tendo feito mestrado, e aconselharam-no a fazer doutoramento. Mas por sorte, ele conheceu um crítico americano muito inteligente e agudo, que disse ser besteira fazer doutoramento. Que ele pegasse a tese de mestrado, desenvolvesse melhor, e escrevesse um livro. E o livro foi "Casa Grande e Senzala", a melhor coisa, talvez a única coisa boa que o Gilberto já produziu. Se tivesse feito doutoramento, nem "Casa Grande e Senzala" teria produzido, iria talvez acabar metendo num livro uma porção de coisas de sociologia acadêmica, que seria difícil entender.

Ricardo Ferreira: Você me parece um especialista em Gilberto Freire. Apesar de eu ter tido uma série de problemas nos anos de exílio, tendo o senhor Gilberto Freire inclusive censurado meus artigos para revistas da Universidade, você acha que o fato da obra de Freire ter sido criticado, por marxistas e pelo próprio Caio Prado Júnior influenciou no comportamento do Gilberto, sobretudo em política?

Mário Schemberg: Gilberto é um fenômeno que você vai encontrar muito em outros segmentos lá do Nordeste. É o fenômeno que o Gramsci chama de intelectual da sociedade agrária. O Gramsci no início era um grande admirador de Croce, e acabou concluindo que Croce era o grande pensador feudalista lá da Itália do Sul. No Nordeste, você vai encontrar muitos intelectuais e artistas deste tipo. Outro, é Câmara Cascudo. Às vezes, são grandes intelectuais. Eu acho o Gilberto Freire um grande intelectual, não há dúvidas. E sobretudo um grande escritor. Mesmo que "Casa Grande e Senzala" não interessasse para a pesquisa sociológica, teria importância como obra literária. O Gilberto, quando voltou dos EUA em 1930, ficou uma espécie de figura palaciana dos Estácio Coimbra, e sempre foi muito ligado

às classes proprietárias. Isto não quer dizer que ele não seja inteligente, mas é um reacionário. E reacionário não é sinônimo de burrice.

Ricardo Ferreira: Mas houve uma época, mesmo dentro do Estado Novo, que ele tomou certas posições progressistas; e depois de 46, voltou a ter uma posição cada vez mais reacionária ...

Mário Schemberg: Mas ele é reacionário! Mas um reacionário não só pelas idéias, mas pelo seu próprio ser. Por mais que ele mude de idéias, nunca vai deixar de ser reacionário. O Gilberto amava aquela sociedade da Casa Grande e Senzala, esse é o problema. Ele tem uma fixação por aquela sociedade, ele desejava conservá-la. Aliás, não sei se você leu o prefácio de Ferreira Gullar às obras do poeta Augusto dos Anjos. Gullar mostra que ele era filho de senhor de engenho da Paraíba, e que a experiência de vida, ligada à decadência da economia rural nordestina, foi sua fonte de trabalho, o estímulo maior em sua obra. Só que, no Augusto, o lado progressista é muito maior que no caso de Gilberto.

Lá fora, o tempo estava fechado. O ruído dos carros e de uma motocicleta, que passou voando, não deixou que entendêssemos algumas palavras. O ruído constante de uma vassoura no chão e a figura da empregada limpando o jardim, já faziam parte do ambiente. Schemberg e Ricardo Ferreira estavam muito animados, falando de grandes escritores.

Voaram também até as estepes russas.

Ricardo Ferreira: Então a gente pode até falar que Gilberto é um Dostoiévsky e Augusto dos Anjos um Turgniev, no sentido de que Dostoiévsky e Turgniev são dois escritores contemporâneos russos. Mas num predomina o aspecto pan-eslavista reacionário, e no outro, predomina o aspecto mais progressista.

Mário Schemberg: Dostoiévsky é um dos escritores russos do século passado que mais interessam ao século XX, porque levantou problemas existenciais do homem moderno, e que hoje têm importância muito grande.

Ricardo Ferreira: Lembro a você que ele foi o criador de "Pais e Filhos", a primeira obra niilista, e nesse sentido ele é ponte de contato com a revolução da juventude atual, você acha isso correto?

Mário Schemberg: Ele pode ter sido o primeiro na literatura que levantou problemas do niilismo, mas seu livro que mais interessa ao século XX é "Os Demônios". Este o grande livro de Dostoiévski. O pessoal fica pensando muito em "Os Irmãos Karamazov", que tem uma coisa importante — a visão de Dostoiévski de cristianismo. Ele era um homem que fazia uma força incrível para crer em algo. Senão, se suicidaria. Em "Karamazov", Dostoiévski deixa claro — na cena da morte do santo, cujo cadáver começa a se decompor muito rapidamente — que o cristianismo é uma coisa que, se você começa a cutucar, fede logo.



fernando uchoa



Muita coisa importante apareceu no Brasil, no campo cultural, permanecendo desconhecida.

Einstein foi um homem que em determinados momentos teve posições políticas muito corajosas.

Depois que Newton, Darwin, Einstein, apareceram, o mundo já não foi mais o mesmo de antes.

E, como estávamos falando de literatura, quisemos saber de Schemberg se ele conhecia na atual fase da cultura brasileira, figuras equivalentes às comentadas (Gilberto, Augusto dos Anjos, Dostoievski, Turgniev). Ele falou de um grande amigo seu.

“Eu acho que surgiram grandes escritores. Um deles é o José Agripino de Paula, que escreveu “Pan América”. Na minha opinião este é o livro mais importante da década de 60. Muita coisa importante apareceu no Brasil, no campo cultural, permanecendo desconhecida. O Agripino, por exemplo, os críticos não conhecem mas entre os jovens ele é bastante reconhecido. Muita coisa ficou soterrada nesta década, e aos poucos vai emergindo. Mas também tem muita coisa que foi endeusada por aí, e que não é boa.

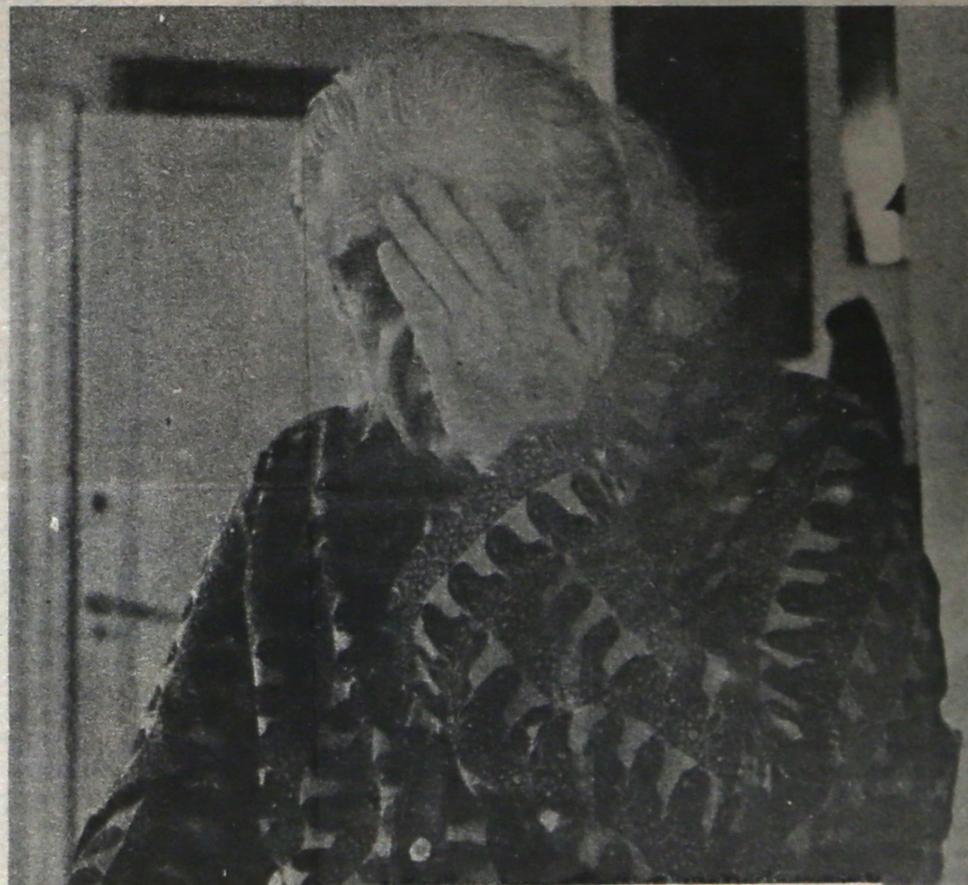
Certos escritores surgiram calcados em figuras como Joyce — que é maravilhoso, sem dúvidas. Mas não tem nada a ver com o Brasil.

O tempo passou muito rápido. Pedimos que Schemberg falasse de Einstein, com quem chegou a trabalhar. Sob o olhar arregalado de um outro gato, desta vez um siamês, Mário Schemberg disse coisas que tinham muito pouco a ver com aquela foto famosa do cientista alemão, de cabelos despenteados, língua de fora, sorriso zombador.

Einstein era um homem simples. Introverso, não era de muita conversa. Mas foi talvez o único grande cientista que tornou-se uma figura de um apelo popular tremendo. Outros grandes cientistas não chegaram a ter esse carisma de Einstein, embora fossem tão bons quanto ele, como Max Planck, por exemplo. A maior parte das pessoas que o admiram, não têm a menor idéia do que é a teoria da relatividade, mas sentem por ele quase que uma veneração. É um fenômeno de força de personalidade.

Einstein foi um homem que em determinados momentos teve posições políticas muito corajosas, como na época da Primeira Guerra Mundial. Enquanto noventa e dois cientistas assinavam um abaixo-assinado a favor da guerra, ele, junto com mais outro, se pronunciavam contra a guerra. Na época do macartismo até o Chaplin teve que sair dos EUA, apesar de sua enorme popularidade, mas o Einstein, apesar de protestar nunca foi pido. Ele era alguma coisa como a figura de João XXIII — com tantos papas por aí, não houve nenhum com o prestígio dele, os outros todos eram funcionários lá da Cúria ...

Eu diria que depois de Newton não houve nenhum físico com a estatura de Einstein. Ele mudou o ambiente intelectual do século XX, como Darwin fez com o século XIX. Nesse século todos sofreram a influência de Darwin. O próprio Marx queria dedicar “O Capital” ao Darwin, mas por outro lado Darwin foi considerado como o ideólogo do capitalismo liberal da cultura. Tanto Darwin quanto Einstein ajudaram a criar um novo tipo de pensamento. Como Newton tinha feito antes, ele criou uma nova visão do mundo. Depois que eles apareceram, o mundo já não foi mais o mesmo de antes.



fernando uchoa

Mário Schemberg — físico brasileiro, de renome internacional. Foi cassado pelo AI-5. Foi um dos primeiros a se manifestar publicamente contra o Acordo Nuclear Brasil/Alemanha. Sempre, em suas discussões, tem se manifestado contra o autoritarismo, em todas as suas formas, sendo suas posições políticas conhecidas publicamente. Trabalhou com Albert Einstein, de quem nos fala algo, nesta entrevista.

Ricardo Ferreira — Cientista brasileiro, conhecido mundialmente, atualmente trabalhando na Universidade Federal de Pernambuco, depois de passar algum tempo como professor visitante do Instituto de Química da USP, em São Paulo. Devido a motivos políticos, viveu alguns anos fora do país. Morou nos Estados Unidos e Europa, tendo trabalhado em várias universidades e recebido vários títulos. Escreveu um conto (inédito), A Praga Hexagonal, escrito em inglês. Foi membro do antigo Partido Socialista Brasileiro. Membro da Convergência Socialista.

Antonio Carlos Pavão — Um dos primeiros a se doutorar em Química Teórica no Brasil, pela USP. Participante ativo nas atividades de seu campo de trabalho, tanto em seu aspecto científico, quanto político. Atualmente encontra-se trabalhando na Universidade Federal de Pernambuco.